

## INTERAÇÃO ORAL EM AULAS DE LEITURA DE LÍNGUA INGLESA

Daniela G. A. Nóbrega<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho é uma tentativa de discutir até que ponto a interação oral entre professor e alunos na aula de leitura em Língua Inglesa contribui para a construção de significados, e de como tal interação reflete o tipo de leitura adotada nestas aulas.

**PALAVRAS-CHAVE :** interação oral; aulas de leitura em língua inglesa; processos de ensino e aprendizagem.

**ABSTRACT:** The present work is an attempt to discuss the extent to what the oral interaction between the teacher and the students in English as a Foreign Language (EFL) reading classes contributes for the construction of meanings, and how such interaction mirrors the type of reading adopted in these classes.

**KEYWORDS:** oral interaction; EFL reading classes; learning and teaching processes.

### Introdução

Quando falamos em leitura, normalmente nos vêm a mente, sobretudo àqueles que desfrutam deste prazer, uma atividade envolvente que nos remete ao mundo da imaginação, das indagações, das reflexões a serem (re) construídas a partir da leitura e das hipóteses a serem concordadas ou refutadas. Estamos, neste caso, descrevendo um leitor hábil, imerso em um complexo processo de (re) construção de sentidos com o autor. Como afirma Michel de Certeau (1994), a leitura depende da escuridão da noite e isto reforça mais ainda que o leitor trabalhe na obscuridade e não na transparência. Daí porque o sujeito-leitor, aquele consciente desta ‘escuridão’, necessita, na interação com o autor, ir além do que está escrito, buscando fazer inferências, desvelar nas entrelinhas da escrita os sentidos do autor para poder (re) construir os seus próprios sentidos no decorrer da leitura.

Este tipo de interação leitor-autor se baseia na concepção bakhtiniana de leitura em que o que está em jogo é o processo dialógico que esse estabelece entre leitor e autor, cultural e ideologicamente marcados. O que pode contribuir para que esta interação se efetue de forma adequada e eficaz é o contexto em que estes participantes se inserem, que

---

<sup>1</sup> Professora mestra do Departamento de Letras e Artes, CEDUC 2, da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB. E doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

papéis eles estão desempenhando, e que intenção comunicativa cada um se propõe a desenvolver no curso da leitura.

Neste trabalho, a interação entre aluno-leitor e autor será abordada no contexto de sala de aula de língua inglesa em que a atividade da leitura se apresenta. Em se tratando de aula de língua estrangeira, a questão do ensino e da prática de leitura se torna mais complexa ainda. O contexto de sala de aula, por possuir regras de interação determinadas pela instituição (escola), tende a direcionar não só o tipo de leitura adotado pelo professor (agente da instituição 'escola'), mas também as interações professor-aluno provenientes do contexto e como elas contribuem na construção de sentidos no processo de ensino e aprendizagem da leitura.

É objetivo deste artigo, portanto, discutir como se configura a interação professor-aluno na aula de leitura em língua inglesa e como tal interação repercute na construção de sentidos na sala de aula.

### **Contextualizando**

Antes de delimitarmos como se configura as interações entre professor-aluno nos eventos de leitura em aulas de língua inglesa, e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem de leitura, vale ressaltar como se apresenta tais contextos de sala de aula no tocante às aulas de leitura no Brasil como um todo.

Assim como nas aulas de língua portuguesa, as aulas de língua inglesa, sobretudo no ensino médio, ainda se baseiam no ensino tradicional de leitura. Geralmente é o professor que tende a conduzir a leitura que, na maioria das vezes, reflete o ensino da gramática, vocabulário e pronúncia, como atesta Coracini (1995) em suas pesquisas. Ademais, as perguntas de compreensão de leitura, ora feitas diretamente pelo professor ora extraídas pelo livro didático, tendem a refletir uma leitura linear centrada na voz do professor que direciona a forma como o texto deve ser tratado em sala de aula. Mesmo que tais textos pareçam “estar de acordo com o que a abordagem comunicativa (de tipo instrumental) recomenda: texto escrito sem fins escolares” (Coracini, 2005, p.202), a interação aluno/leitor-texto ainda se apresenta de forma superficial. A obscuridade, que defende De Certau (1994), que deve ser tratada a leitura, instigando nos alunos uma reflexão sobre o que está sendo lido, é substituída pela transparência. Tal transparência é resultado de uso de perguntas fáticas ou conativas, cujas respostas já são de conhecimento dos professores, e

também dos tipos de perguntas utilizadas pelos alunos, geralmente de natureza gramatical e vocabular.

O tratamento que ainda é dado aos alunos de forma passiva, como comprovam Celani (1991) e Almeida Filho (1991) e Coracini (1995) em suas pesquisas de aulas de língua inglesa, indicam que o déficit de compreensão de leitura se deve às atividades centradas nos exercícios de tradução, de gramática, vocabulário, na ênfase dada à leitura oral e perguntas explícitas cujas respostas são fáceis de serem localizadas no texto.

Embora estes estudos tenham concentrado nas atividades que são adotadas e de como elas refletem o ensino-aprendizagem de leitura em língua inglesa, outros aspectos, como o da interação em sala de aula, podem detectar que tipo de leitura ainda se faz presente em tais contextos e que voz é favorecida quando nas aplicações de atividades de leitura pelos professores.

### **O Que é interação?**

O termo ‘interação’, de acordo com o dicionário de Antonio Houaiss, nos remete a um conjunto de ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma comunidade, no propósito de estabelecer fins comunicativos. Tais finalidades nos remetem à definição enquanto processo de cooperação, de ajuda mútua entre os interlocutores num determinado espaço físico e situação de comunicação (Goffman in Ribeiro e Garcez, 2002). Dentro deste processo de ajuda, a comunicação se desenrola com o intuito de alcançar funções comunicativas específicas, como perguntar, responder, aceitar, recusar, julgar, discutir, entre outras funções.

Na Lingüística Aplicada, área que lida com Linguagem e Educação, a interação se apresenta como processo de cooperação entre professor e aluno para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma adequada. Interagir, conforme explica Marchuschi (1991), é uma atividade de cooperação, discursiva, onde os interlocutores estão sempre empenhados na produção e interpretação dos sentidos no curso da interação. O direcionamento deste processo dialógico de cooperação dependerá das intenções e atitudes dos participantes envolvidos e de como eles interpretam estas intenções (Tavares, 2007).

Concordando com esta definição, para Levinson (2007), a interação é uma atividade ou trabalho compartilhado entre no mínimo dois participantes em que entram em cena os fatores contextuais, as implicaturas provenientes das intenções, as inferências, as regras

sociais de uso da língua. Assim como Levinson (2007), Goffman (2002) sustenta que todo evento interacional se sustenta no contexto situacional e que são estes fatores contextuais (extralingüísticos, paralingüísticos, cinestésicos) que norteiam toda ação dos interlocutores na interação.

O aspecto extralingüístico delimita o estilo, as regras sociais de uso da fala e os valores atribuídos pelos interlocutores quando expressam as suas intenções comunicativas. O aspecto paralingüístico diz respeito aos gestos funcionais utilizados no momento de interação. Como afirma Goffman (2002), “Muitas das propriedades da fala terão de ser vistas como alternativas a atos extralingüísticos, ou equivalentes funcionais deles” (p.19). Os cinestésicos, por sua vez, lidam com o movimento corporal nos momentos de interação. Estes três fatores, segundo Levinson e Goffman, caminham juntos com a expressividade oral do interlocutor e das intenções por eles estabelecidas no curso da interação.

Na sala de aula, a interação oral é uma via de mão dupla. Tanto pode ocorrer cooperação ou conflito de vozes entre os interlocutores. Segundo Bakhtin (2004), a cooperação se efetua no conflito de vozes, uma vez que o produto da interação “é uma ponte lançada entre mim e os outros” (p.113), tudo isto resultando na construção de sentidos. É na utilização dos signos lingüísticos, na formulação do enunciado que o interlocutor emite a sua razão, o seu consciente delimitando o seu mundo cultural, suas crenças, e suas experiências de vida. A troca de idéias com o outro interlocutor, marcado cultural e ideologicamente também, permite que cada um possa compreender as experiências sócio-culturais de cada um e de como elas são fundamentais na construção de conhecimento como um todo. É neste cruzamento de vozes que os interlocutores podem perceber que elas (as vozes) se completam e dependem umas das outras tanto para a produção e interpretação dos significados na interação oral.

A partir do entendimento que é no contexto e dos fatores provenientes dele que os interlocutores estabelecem papéis sociais determinados, eles também podem mudar o contexto e os seus papéis desempenhados. Muitas vezes o contexto se apodera de tal forma na interação que, por mais que os participantes tentem mudar as regras e as posições sociais daquele ambiente, o processo de cooperação não flui com naturalidade. Dependendo, desta forma, como o contexto vai conduzir a construção de sentidos e as práticas discursivas, é que a interação entre os participantes poderá se dá de forma assimétrica (quando existe uma relação hierárquica de poderes nas relações - superior/inferior) ou simétrica (quando os

participantes se encontram numa relação igualitária de papéis sociais) (Marcuschi, 1991). A exemplo de relações simétricas temos as conversações do cotidiano entre amigos. E de relação assimétricas, aquelas estabelecidas entre médico-paciente, professor-aluno, assunto abordado na próxima parte do artigo.

### **Interação em aulas de leitura de Língua Inglesa**

Diferentemente do que ocorre nas relações informais do nosso cotidiano, as relações entre os participantes na sala de aula tendem a seguir um determinado padrão de comportamento. Segundo Sinclair e Coulthard, (1975), nas aulas de línguas estrangeiras é comum o movimento interacional IRA (Iniciação, Resposta e Avaliação), cabendo ao professor o direito aos turnos de iniciação e avaliação, enquanto ao aluno lhe cabe mais o turno da resposta. Este tipo de interação estabelecida nas aulas reforça a idéia que a voz do professor, representando a instituição 'escola', é aquela que prevalece tanto nas atividades por ele/ela organizadas como nos livros didáticos (Coracini, 2005) e, portanto, reforça a relação assimétrica de poder com os alunos (Marcuschi, 1991).

É neste contexto institucionalizado que as posições e papéis sociais dos participantes na interação estão pré-estabelecidos gerando, desta forma, concepções acerca da produção e interpretação da leitura desenvolvida na sala de aula. Trabalhos sobre interação em aulas de leitura em língua estrangeira (Inglesa) têm revelado que é a voz do professor que prevalece nas discussões em sala de aula e que tende a direcionar as questões de compreensão de leitura (Coracini, 2005; Figueiredo, 2005). No contexto universitário, por exemplo, com alunos-professores de um Curso de Letras de uma universidade pública, Figueiredo aponta que as discussões dos alunos decorrentes dos eventos de leitura em sala de aula são reflexos da visão de mundo dos alunos e das suas relações com a cultura dominante.

Figueiredo (2005) observou que os alunos tendem a valorizar a voz do professor reforçando "a associação entre linguagem e poder em eventos interacionais ao reprimir uma contribuição espontânea e de caráter crítico do aluno "(p.33). Este estereótipo acerca da figura 'professor' muitas vezes pode ser identificado nas seqüências de interação em aula. Quando as respostas dos alunos não são aceitas pelo professor, a fala do professor se apresenta em forma de uma longa explanação. Tal conduta reflete uma relação assimétrica entre eles (professor-aluno), pouca concessão de turno é dada ao aluno e,

conseqüentemente, a fala do professor reforça a noção de que é o professor o detentor de saber, o conhecedor do assunto.

Outro aspecto que pode influenciar no tipo de interação estabelecida nos eventos de leitura em sala de aula é a organização do espaço físico. De acordo com Freire (2005), as salas cujas “carteiras são enfileiradas umas atrás das outras e de uma professora que permaneceu em pé em frente de sua mesa segurando uma cópia do texto que estavam [os alunos] lendo e discutindo” (p.185), tendem a caracterizar uma aula centrada na voz do professor, que controla o desenvolvimento do tópico e de quem e quando terá o direito de se manifestar. Tal procedimento não apenas implica numa relação de assimetria na sala de aula, mas também indica o predomínio da voz (institucionalizada) do professor, que aparentemente é culturalmente aceita pelos alunos.

## **Conclusão**

Diante do que foi exposto neste artigo, as regras de interação nas aulas de leitura em língua inglesa, tanto no nível médio de ensino como no superior, parecem ser na maioria das vezes direcionada pelo professor por dois motivos. Primeiro, a voz institucionalizada do professor tende a caracterizar o discurso da instituição ‘escola’ que costuma mostrar a figura do professor como o detentor de conhecimento. Segundo, por esta visão do professor ser culturalmente determinada pela sociedade brasileira (neste caso, alunos-leitores), conforme mostra Figueiredo (2005), é dado ao professor o controle tanto do discurso nas interações como do desenvolvimento do tópico a ser discutidos em sala de aula, geralmente pelos próprios alunos.

Tal olhar nas aulas de leitura pode suscitar nos professores uma reflexão sobre como tal comportamento verbal repercute uma leitura linear, superficial, mecanicista com ênfase no estudo da gramática e não na leitura de mundos provenientes pela cultura da língua estrangeira. Não estou aqui defendendo a total simetria de vozes no contexto de sala de aula. Proponho que na sala de aula podemos conciliar momentos em que a voz do professor e a dos alunos possam se mesclar, entrar em conflito construtivo, na negociação de sentidos. Há outros momentos em que a assimetria pode se fazer presente. Afinal, cabe ao professor o papel de mediar as informações necessárias para instigar discussões em sala de aula. Para tanto, cabe a este profissional o papel de controlar o espaço a fim de mantê-lo organizado,

propício para que o ensino-aprendizagem de leitura flua, tendo sempre em mente que os princípios de interação possam promover flexibilidade de vozes na co-construção de conhecimento no contexto de sala de aula.

## Referência

**ALMEIDA FILHO, J.C.P.** *Secondary School Learning of a Foreign Language: Failure and Motivation*. In: Educação para Crescer – Projeto de Melhoria da Qualidade de Ensino – Inglês 1º e 2º graus. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria da Educação. (pp.13-15), 1991-1995.

**BAKHTIN, M.** *A Interação Verbal*. In *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 11ª edição. São Paulo: Editora Hucitec, pp.110-136, 2004.

**CELANI, M.A.A.** *Learner-Based Teaching in Unfavorable classroom situations*. In Educação para Crescer – Projeto de Melhoria da Qualidade de Ensino – Inglês 1º e 2º graus. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria da Educação. (pp. 17-22), 1991-1995.

**CORACINI, M.J.R.F.** *Interação e sala de aula*. *Calidoscópio*. Vol.3 n.3, p.199-208, set/dez 2005.

**CORACINI, M.J.R.F.** *Diversidade e semelhanças em aulas de leitura*. In M.J.R.J. Coracini (org.) O Jogo Discursivo na Aula de Leitura. Língua Materna e Língua Estrangeira. (pp.51-65). São Paulo: Pontes, 1995.

**DE CERTEAU, M.** *A Invenção do Cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes. 1994.

**FIGUEIREDO, C. A.** *Lingüística Aplicada – aspectos da Leitura e do Ensino de Línguas*. In: Célia Assunção Figueiredo; Osvaldo Freitas de Jesus (orgs.), Lingüística in Focus, v.3, Uberlândia: EDUFU, 2005.

**FREIRE, A.M.F.** *Discurso e Contexto na sala de aula de Língua Estrangeira*. In Maria Inês Pagliarini Cox, Ana Antônia de Assis-Peterson (orgs.). Cenas de Sala de Aula. São Paulo: Mercado de Letras, pp.181-192, 2003.

**GOFFMAN, E.** *A Situação Negligenciada*. In Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez (orgs). Sociolingüística Interacional. 2ª ed., São Paulo: LOYOLA, P. 13-20, 2002.

**MARCUSCHI, L. A.** *Análise da Conversação*. 2ª ed., São Paulo: ÁTICA, 1991.

**SINCLAIR, J.M.** and Coulthard, R.M. *Towards an Analysis Of Discourse – The English used by teachers and pupils*. Oxford: OUP, 1975.

**TAVARES, R. R.** *A negociação da imagem na pragmática: por uma visão*

*sociointeracionista da linguagem*. Maceió: EDUFAL, 2007.

**LEVINSON, S. C.** *Pragmática*. Tradução Luís Carlos Borges, Aníbal Mari;  
revisão da tradução Aníbal Mari; revisão técnica Rodolfo Ilari. São Paulo: Martins  
Fontes, 2007.